

Dossiê Peter Gow: uma antropologia de sangue misturado

MARÍLIA S. DE LOURENÇO

Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ), Departamento de antropologia Social (pesquisadora associada), Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0526-5126>
mariliasenelourenco@gmail.com

HELENA M. SCHIEL

Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), Programa de Antropologia e Arqueologia, Santarém - Pará, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8879-8990>
helenaschiel@gmail.com

É com enorme satisfação que trazemos a público este dossiê, que pretende homenagear o antropólogo escocês Peter Gow. A intenção que nos motivou foi, sobretudo, mostrar a vivacidade de suas ideias, diríamos mesmo a necessidade de suas reflexões para a compreensão das sociedades indígenas contemporâneas nas Terras Baixas da América do Sul. Ao longo de sua trajetória, Peter Gow dedicou-se à etnografia do povo Piro/Yine, compreendido como parte de uma complexa teia de relações sociocosmológicas entre os grupos étnicos do Bajo Urubamba, na Amazônia peruana, e às contribuições desse contexto ao estudo comparado dos sistemas de transformação ameríndios. A investigação dos problemas colocados pelo parentesco Piro/Yine, apreendidos por Gow em suas dimensões histórica, cosmológica e epistemológica, figura entre as grandes contribuições do antropólogo à etnologia americanista. Peter Gow possui uma robusta bibliografia sobre variados temas e transformações dessa questão. O objetivo deste dossiê é explorar alguns aspectos do pensamento deste autor que, conhecido por uma radicalização levistraussiana do método etnográfico, deixa à antropologia um legado criativo de valor inestimável.

Na introdução de *Of mixed blood – Kinship and History in Peruvian Amazonia* (1991), resultado de sua tese de doutorado, Peter Gow descreve seu primeiro contato, no início dos anos 1980, com o povo Piro/Yine de Baixo Urubamba, no Peru. Após conhecer brevemente em 1978 os Campa/Ashaninka, considerados indígenas “tradicionais”, o jovem antropólogo decidiu realizar uma pesquisa voltada a um

povo com maior proximidade com os não indígenas, suas mercadorias e organização social. Vizinhos dos Campa, os Piro possuíam maior índice de casamentos interétnicos e inserção no mercado local. Gow se deparou com o que parecia a perda da cultura nativa e se interessou pelas condições de manutenção de sua identidade étnica diante de tamanha influência externa.

Comparando-se a outros grupos étnicos, mas também aos seus antepassados, “habitantes selvagens das florestas”, como diziam, os interlocutores Piro afirmavam-se um povo civilizado e favorável à vida nas chamadas “Comunidades Nativas” e suas escolas, reguladas pelo sistema de educação do Estado peruano. Os Piro demonstravam bastante orgulho de sua história, o que confundia Gow, que via apenas os efeitos brutais dos séculos de colonialismo na desintegração de suas comunidades. Aos poucos, inserido na rede de relações dos indígenas, começou a notar que essa perspectiva comparativa se estendia também às pessoas nas cidades, cujos modos eram pouco generosos. O que guardavam em comum os vizinhos dos Piro, seus antepassados e os brancos?

O antropólogo passou a observar que a questão não era identitária, pois a comunidade valorizava as marcas de heterogeneidade dos casamentos interétnicos e do multilinguismo¹, partes fundamentais de sua autodefinição enquanto “gente mezclada”, de sangue misturado (Gow, 1991: 9). A necessidade de criar uma nova linguagem etnográfica e, conseqüentemente, outras traduções conceituais, é o ponto de virada na pesquisa de Peter Gow, que, ao longo de 40 anos, leva o pensamento dos Piro/Yine a conseqüências decisivas para a etnologia nas Terras Baixas Sul-americanas. Ao se deparar com identidades voláteis e múltiplas narrativas sobre o tempo no Baixo Urubamba, Gow problematiza as abordagens segundo processos históricos exteriores ao discurso indígena – a questão passa a ser quais os valores e significados associados pelos Piro aos seus antepassados, e o que eles vivem como história. O parentesco aparece como idioma pelo qual se diferenciam os tempos históricos, desde o passado selvagem e bélico até seus narradores contemporâneos e civilizados, que contam a história a partir de seus vínculos (Gow, 1991: 17).

De objeto a ferramenta de alto potencial analítico, a mistura leva o antropólogo a questionar não apenas as teorias culturalistas², mas o estrutural-funcionalismo e os usos de métodos históricos por antropólogos/as, como é possível apreciar em *An Amazonian Myth and its History* (Gow, 2001). Nesta obra, Gow esmiúça os protocolos da pesquisa monográfica a partir do estruturalismo levistraussiano, em busca, simultaneamente, de um sistema em estado de transformação e da atualidade da experiência de seus narradores. Entre diversas gerações, seus mitos, documentos e formas de conhecimento, o antropólogo estabelece como ponto de partida da etnografia sempre o concreto, o contexto que melhor se conhece, tal como na abertura d’As Mitológicas e d’Os Argonautas (Gow, 2001: 27).

1 O autor menciona que a maioria dos homens era fluente em espanhol, além da língua Piro e Campa, grupo este que foi o primeiro contato de Gow com povos ameríndios em seu mundo (Gow 1991: 5).

2 Gow se dedica ao tema da aculturação até o fim de sua vida, período em que escrevia um manuscrito para publicação de um livro sobre o tema, conforme apresentam Cova e Barletti (2023: 04): “His untimely death also prevents us from being able to see the completed version of the manuscript for his third book, *Audacious Innovations in Peruvian Amazonia: An Ethnographic Theory of Acculturation*, borrowing Lévi-Strauss’ phrase (1976: 339). This book, which he saw as the third in a trilogy that started with *Of Mixed Blood* (1991), provides us with an extension of the arguments in his previous books, mediated by having had a cadre of students that worked in the same area of the Peruvian Amazon where he did: ‘Changes associated with modernity, such as the loss of indigenous cultural traditions and life ways, the emergence of new social identities, the development of small towns, conversion to Christianity, or the dramatic urbanization of the region’s population, all these things that are most opposed to our images of indigenous Amazonian peoples, I argue, are expectable consequences of how these same indigenous Amazonian people think about the world and of the potential for social relations within it. These are the audacious innovations in Peruvian Amazonia’ (Gow. n.d.: 4).”

Em *Amazonian Myth...*, a história que ouviu de Artemio, em 1982 (*A Man that went under the Earth*), é o início do que apresentará como o mundo vivido do Piro. Síntese de um projeto audacioso de antropologia, o conceito busca elucidar o contexto ou situação de encontro com os interlocutores da pesquisa, sem pressupor o estudo de totalidades como “uma cultura” ou “um povo” (Gow, 2001: 26). Em um só movimento, Peter Gow torna visíveis os modos de essas pessoas e coletivos criarem a si e a seu mundo, e a natureza estrutural e transformativa dessa criatividade.

Um dos aspectos mais fortes de sua etnografia é a inclusão de seu próprio mundo vivido entre as condições éticas e estéticas de seu encontro com os ameríndios. A voz de Peter Gow é inconfundível – crítica, curiosa, afetiva. Os seis textos que compõem este dossiê abordam diferentes temas e pontos de sua trajetória junto aos Piro/Yine e à Universidade, cada um escrito de uma determinada perspectiva sobre seu legado. Mais que isso, são reflexões que trabalham, no exercício da escrita, um luto prematuro. Agradecemos aos autores e pareceristas por suas ricas contribuições e à comissão editorial da Revista Campos pelo espaço concedido e apoio na elaboração deste dossiê.

Carlos Londoño Sulkin nos brinda com uma descrição breve, porém guardada há décadas em notas: fragmentos de um “retrato moral” de Peter. Orientando de Joanna Overing, assim como Gow, Londoño nos apresenta um homem escocês de atitude temperamental, comentários francos e eloquentes. Descreve também a marcante postura corporal e seus olhos azuis afiados. Carlos Londoño pincela a trajetória de Gow entre o impacto da publicação de *Of mixed blood...* e, dez anos depois, *An Amazonian Myth...*; suas filiações institucionais entre a London School of Economics e a Universidade de St. Andrews. Rememora um passeio com amigos, em 1996 ou 1997, desviado de última hora por Peter rumo à terra de seus ascendentes, ao norte de St. Andrews, e as inspirações do evento para a composição desse retrato performativo. Entre outros momentos do convívio com Gow, que foi parte da banca examinadora de sua tese, Londoño nos presenteia com relances de alguém que viveu com a mesma intensidade que encontramos em suas histórias. Trata-se, portanto, de uma espécie de obituário espiritualoso e sem sentimentalismos, postura que acreditamos concordar com o espírito que animava o autor homenageado.

Londoño elege seu texto preferido na contribuição de Gow à coletânea organizada por Joanna Overing e Alan Passes, *The Anthropology of Love and Anger* (2000), o que nos remete ao belo tributo de Clarice Cohn. *Helpless – the affective preconditions of Piro social life* demonstra a centralidade dos afetos na construção da pessoa Piro e na obra de Gow, que a autora observa ainda pouco reconhecida no campo da antropologia da criança, possivelmente devido a não ter trabalhado diretamente com crianças. Cohn afirma a importância de se tomar as crianças não apenas como objeto de pesquisa, mas foco analítico, a fim de evitar o fechamento desse campo em si mesmo, e oferece um exemplo de diálogos possíveis a partir das crianças Piro na etnografia de Gow e das Xikrin do Bacajá, em sua própria. A autora sublinha o papel de Christina Toren nessa troca, autora de grande importância tanto na antropologia da criança quanto na obra de Gow. Se entre os Piro o parentesco é a construção de uma memória de cuidados que humaniza o corpo da criança, por meio da comensalidade e co-residência, entre os Xikrin esses cuidados devem incluir o fortalecimento dos corpos das crianças para garantir a permanência do *karon*, um componente da pessoa que na criança vacila entre o mundo dos vivos e dos mortos. Entre outras ressonâncias com a

etnografia de Gow, Cohn reflete também sobre a importância da escola entre os diversos caminhos da aprendizagem do ser e fazer da diferença entre os Xikrin do Bacajá (o *kukradjá*).

Um paralelo interessante com o *kukradjá* pode ser visto na contribuição valiosa de Alex Protapi, antropólogo e liderança Yine-Yami, cuja trajetória biográfica e etnográfica é base do artigo escrito em conjunto com Daniel Gordillo Sánchez e Barbara Arisi. Segundo Protapi, *Gimatkalchi* são as formas do conhecimento presentes no corpo e nas relações Yine. O autor menciona a explicação de Gow (2001) sobre essa dimensão central do pensamento e ação de seu povo, porém observa a baixa adesão de antropólogos não indígenas ao conceito, que, em seu caráter epistemológico, deveria estar presente no aprendizado escolar e universitário a que os Yine são submetidos.

Destacamos, a partir da crítica de Protapi e Gow à influência dos missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) sobre a educação formal, a gravidade de uma perspectiva que ambos denunciam como o achatamento da história Yine e seu caráter transformacional (seu mundo vivido) a “apenas” mito. Contra essa tendência, Protapi demonstra o impacto da produção de conhecimento situado e ocupação dos espaços acadêmicos por pesquisadores indígenas, a começar por sua própria trajetória na Unila e os encontros que originaram este texto.

José Glebson Vieira nos conduz a outro cenário em que o idioma do parentesco se revela fundamental na ação política indígena. O autor busca compreender quais as motivações em jogo entre os Potiguara, na Paraíba, na gestão territorial de coletivos que se afirmam “índios caboclos legítimos”. A etnografia revela uma construção em gradiente de tempos e lugares, como demonstra a formação de uma “aldeia mãe”, povoada por parentes consanguíneos e descendentes dos “truncos velhos”, e sua dispersão em aldeias filhas onde predomina a mistura enquanto zona de transformação dos afins potenciais. Entre outros pontos de conexão com Gow, a evocação da figura do ex-Cocama (Gow, 2003) é bastante elucidativa da labilidade das categorias do parentesco nas relações políticas.

Em situação comparável ao regime das Comunidades Nativas peruanas, Vieira questiona como a mistura se torna instrumento dos Potiguara em um contexto de reordenamentos territoriais e jurídicos cristalizados na categoria de Terra Indígena. Em debate com João Pacheco de Oliveira, Dominique Gallois e outros autores, o caso dos Potiguara nos faz pensar em movimentos como o Marco Temporal, Belo Monte e outras ameaças aos territórios indígenas no Brasil, e a urgência de melhor compreendermos quais categorias espaço-temporais têm surgido desse enfrentamento compartilhado.

Na Terra Indígena de Masekury, no alto Purus, o território e a história Jamamadi aparecem de outro ângulo, como encadeamentos de uma intrincada rede de narrativas míticas registradas por Hugo Ciavatta em sua etnografia na companhia de uma narradora e seu filho tradutor. Inspirado por *Amazonian Myth...* (Gow, 2001), o autor busca a própria experiência do narrar como extensão da imaginação social jamamadi, que utiliza os mitos como artefatos das relações e da história. O autor não separa os mitos da “vida vivida” na aldeia, as “histórias de antigamente” aparecem ligadas a relatos de acontecimentos recentes, interrupções, silêncios e outras formas. Tal como no registro de *The Man who went under the Earth* (Gow, 2001), por trás dessas histórias Ciavatta vislumbra, por exemplo, o caráter repetitivo do conflito fundiário que se estende por décadas no alto Purus e aparece condensado na narrativa da fuga dos Jamamadi. O mito se torna documento para a demarcação da Terra Indígena. E assim, sucessivamente, os

mitos pensam a história jamamadi em diversos contextos, incluindo suas traduções topográficas. Uma análise levistraussiana em diálogo denso com Eduardo Viveiros de Castro e Marilyn Strathern, os mitos jamamadi, nas circunstâncias apresentadas pelo autor, fazem-se trama e conteúdo de um cesto ou paneiro na comparação generosa de seus interlocutores com os notebooks dos antropólogos, artefatos de guardar (e recontar) histórias.

Victor Cova³ propõe uma leitura comparativa sobre a incursão de Gow e Lévi-Strauss ao material etnográfico europeu, discutido em sua relação com o pensamento do século XVIII, o marxismo e a experiências estéticas fundamentais à trajetória criativa de ambos os autores. Os mundos sobre os quais escrevem deriva das contradições do lugar atribuído ao pensamento selvagem nos pleitos iluminista e marxista, como ponto de partida para a tomada de consciência histórica e coletiva rumo à ação política emancipadora – pleitos reduzidos à legitimação das práticas genocidas do colonialismo imperialista e, posteriormente, à falência das previsões do marxismo em suas diversas frentes teóricas e institucionais. Segundo Cova, ao estudarem arte e filosofia europeia, Gow e Lévi-Strauss explicitam as contradições desse projeto, características da antropologia moderna e presentes em sua obra como um todo. Entre outras publicações sobre a Escócia, Gow (2018) discute os efeitos da revolução burguesa sobre a desintegração da aristocracia escocesa e, conseqüentemente, o fim do patrocínio ao ofício dos poetas-cantores, aproximando-se de Marx não pela primeira vez, como demonstra a atenção aos conflitos fundiários na Amazônia peruana na compreensão das formas assumidas pela consciência histórica dos Piro.⁴

Cova faz uma comparação instigante e original entre a experiência de ambos os antropólogos em seu período de formação com movimentos de estetização da crise no ocidente, que os leva à Amazônia em busca do que transcende as definições ocidentais do estético (e de todo o resto). Claude Lévi-Strauss encontra o pensamento selvagem na viagem aos trópicos e no surrealismo, já Peter Gow parte de uma juventude punk, de selvagens-urbanos-niilistas, rumo aos cuidados civilizatórios dos Piro. A belíssima epígrafe que inspira as reflexões de Cova é parte de um relato autoetnográfico frequentemente mencionado entre leitores e amigos de Peter Gow como exemplo do brilho de seu pensamento. No dia de seu falecimento, compartilhamos nas redes sociais:

For many of us who were studying anthropology at the time, this assertion of our one, common history chimed with our dissatisfaction with what we understood to be the existing project of anthropology. Many students of my generation felt the older methods and aims of anthropology, especially in its British form, to be both colonialist in inspiration and distancing in effect. The Marxist call for an anthropology that was dialectical, that asserted that anthropological analysis was concretely linked to the object analyzed through our common history seemed like a liberation in itself from the stultifying imperialist survey and control which we imagined had compromised an older anthropological tradition. More importantly, we found this older tradition of anthropology to be boring. That was no small point, for this was the heyday of punk music, and punk music had taught us that boredom was a very reliable guide in the identification of all forms of knowledge that were irrelevant to understanding the world we saw around us and our places within it (Gow, 2001: 5).

3 Victor Cova organizou, junto a Juan Pablo Sarmiento Barletti, o dossiê “An Amazonianist and his history: Thinking Through (the writings of) Peter Gow”, publicado em 2023 na *Tipiti: Journal of The Society for the Anthropology of Lowland South America*.

4 Em entrevista concedida em 2017 (Gomes A., Figueiredo, P., Almeida e Castro, P., & Romero Jr., R. (2023), Gow detalha suas reflexões sobre organização social e parentesco escocês a partir de metodologias desenvolvidas na experiência como etnólogo americano. Na mesma ocasião, o autor retoma sua relação com o marxismo.

Marília Sene de Lourenço é doutora em Antropologia Social no Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ), pesquisadora associada do Laboratório de Inovações Ameríndias (LinA) e consultora em processos de licenciamento ambiental

Helena Moreira Schiel é professora assistente da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa, Santarém). Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/UFAM. É coordenadora do LaborE (Laboratório de Etnologia) da Ufopa.

REFERÊNCIAS

- Cova, V., & Sarmiento, J. (2023). An Amazonianist and his history, *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, 19(1), 1-9. <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol19/iss1/1>
- Gow, P. (1991). *Of mixed blood: kinship, and history in Peruvian Amazonia*. Oxford: Clarendon.
- Gow, P. (2000). Helpless – the affective preconditions of Piro social life. In J. Overing, & A. Passes (eds.) *The Anthropology of Love and Anger. The Aesthetic of conviviality in native Amazonia* (pp. 46 - 63). Londres: Routledge.
- Gow, P. (2001). *An Amazonian Myth and its History*. Oxford: Oxford University Press.
- Gow, P. (2003). Ex-cocama: identidades em transformação na Amazônia peruana. *Mana*, 9(1), 57–79. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132003000100004>
- Gow, P. (2018). The continual changes: transforming art styles in Enlightenment Scotland and beyond. In: Bunn, S. (ed.) *Anthropology and beauty: From aesthetics to creativity* (pp. 143 - 163). Londres: Bloomsbury Publishing.
- Gomes, A., Figueiredo, P., Almeida e Castro, P., & Romero Jr., R. (2023). Interviewing Peter Gow — Dundee, June 24, 2017, *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, 19(1), 164-187. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p641>

PETER GOW: UMA ANTROPOLOGIA DE SANGUE MISTURADO

Resumo: No correr de sua obra, o antropólogo Peter Gow enfrentou de forma original as dificuldades da etnologia em abordar coletivos cujos traços diacríticos que o circunscrevem como “um povo” ou “uma cultura” são rebeldes à tipologias tradicionais. Encarou as dificuldades teóricas de abordar povos “de sangue misturado” e foi pioneiro em discutir fenômenos como o do “virar Outro”. Sua abordagem ao parentesco e às narrativas míticas dos Piro/Yine desloca oposições rígidas da antropologia, tais como sincronia/diacronia, estrutura/história, modelo/prática, entre outras. Trata-se de efetivas inovações nos estudos dos povos ameríndios e na capacidade da antropologia em elaborar teorias etnográficas a partir de todos os seus campos. Este dossiê pretendeu rememorar e celebrar o autor Peter Gow, desaparecido prematuramente, e seu pensamento. **Palavras-chave:** Antropologia da religião; Ernesto De Martino.

Palavras-chave: Peter Gow; sangue misturado; mito; história.

PETER GOW: AN ANTHROPOLOGY OF MIXED BLOOD

Abstract: In the course of his work, the anthropologist Peter Gow confronted in an original way the difficulties of ethnology in approaching collectives whose diacritical traits that circumscribe them as “a people” or “a culture” are rebellious to traditional typologies. He faced the theoretical difficulties of approaching peoples “of mixed blood” and was a pioneer in discussing phenomena such as “becoming Other”. His approach to kinship and the mythical narratives of the Piro/Yine displaces rigid oppositions in anthropology, such as synchrony/diachrony, structure/history, model/practice, among others. These are effective innovations in the study of Amerindian peoples and in anthropology’s ability to develop ethnographic theories from all its fields. This dossier aims to commemorate and celebrate the author Peter Gow, who disappeared prematurely, and his thought.

Keywords: Peter Gow; mixed blood; myth; history.

PETER GOW: UNA ANTROPOLOGÍA DE LA SANGRE MEZCLADA

Resumen: A lo largo de su obra, el antropólogo Peter Gow afrontó de forma original las dificultades de la etnología para acercarse a colectivos cuyos rasgos diacríticos que los circunscriben como «un pueblo» o «una cultura» son rebeldes a las tipologías tradicionales. Se enfrentó a las dificultades teóricas de acercarse a los pueblos «mestizos» y fue pionero en la discusión de fenómenos como el “devenir Otro”. Su aproximación al parentesco y a las narrativas míticas de los Piro/Yine desplaza oposiciones rígidas de la antropología, como sincronía/diacronía, estructura/historia, modelo/práctica, entre otras. Se trata de innovaciones efectivas en el estudio de los pueblos ameríndios y en la capacidad de la antropología de desarrollar teorías etnográficas desde todos sus campos. Este dossier pretende conmemorar y celebrar al autor Peter Gow, prematuramente desaparecido, y su pensamiento.

Palabras clave: Peter Gow; sangre mezclada; mito; historia.

RECEBIDO: 16/10/2024

APROVADO: 03/11/2024

PUBLICADO: 30/01/2025



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC